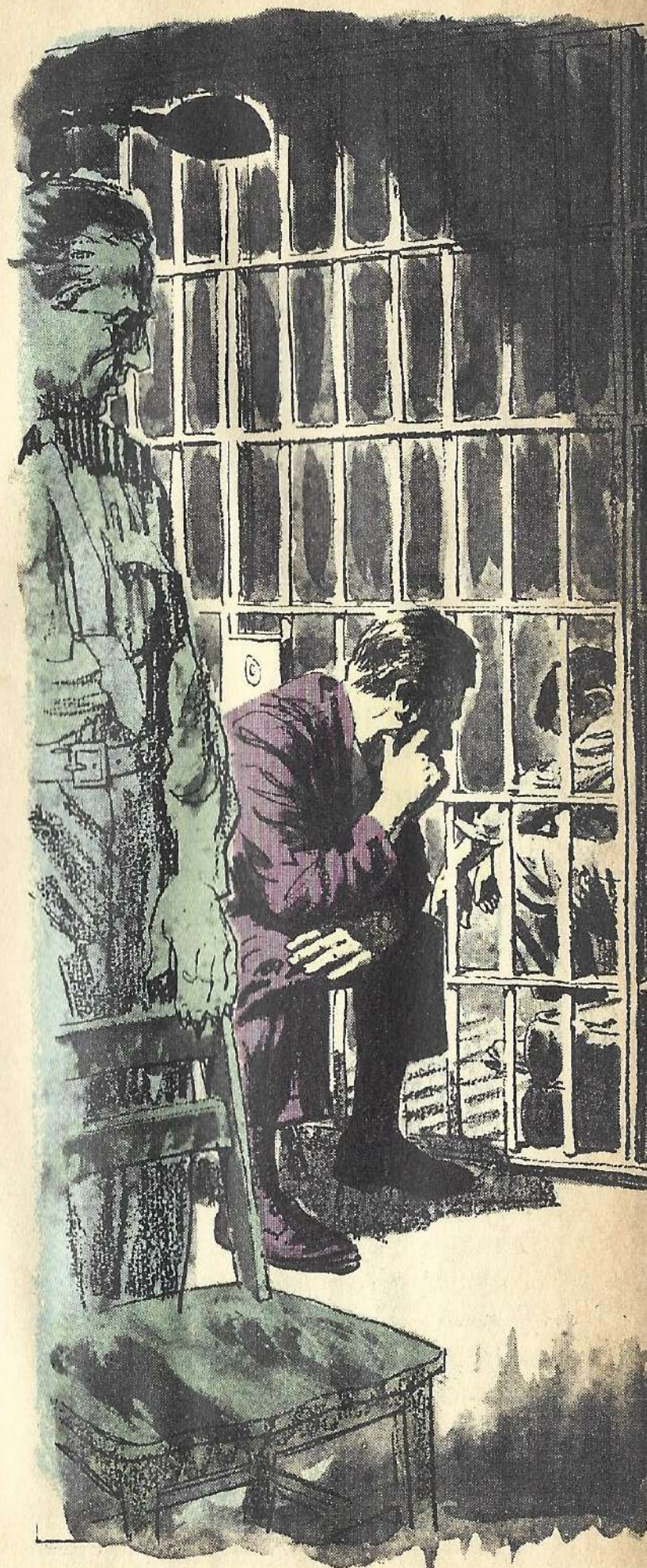


# A 25 MINUTOS DA MORTE

*O residente de uma grande prisão diz um último adeus*

BYRON ESHELMAN,  
em colaboração com FRANK RILEY

Oito horas da manhã. Pela grande janela da frente de nossa casa, no recinto da prisão, vejo lá fora uma manhã que ora é azul, ora cinzenta. Uma borrasca vem chegando do lado do Pacífico, mas no momento as águas da Baía de São Francisco ondulam e brilham. Bem embaixo de minha janela, um prêso de camisa azul e calça de zuarte aparra os arbustos refohudos. Ao cabo de mais de dez anos como capelão da Penitenciária de San Quentin, na Califórnia, sei que a vida aqui começou como começa cada dia do ano. Mas percebo também que hoje é diferente. Hoje um homem condenado vai morrer.



**8 h e 25 m.** No momento em que desço o morro, no caminho entre minha casa e o portão da frente, chega a borrasca. Deverei entrar na antecâmara da morte com o casaco respingando de chuva recente, levando a fragrância do sentido da vida? Nem sei se Richard Thomas Cooper quererá ver-me. Durante os 322 dias que Richard passou no Pavilhão da Morte troquei com êle apenas umas poucas palavras. A não ser o oferecimento de algumas publicações religiosas, que êle recusou, nunca tentei contrariar o seu evidente desejo de que o deixassem sozinho.

Ontem fui avisado pelo escritório do Diretor Fred R. Dickson de que Richard não queria ser acompanhado por um capelão quando fôsse para a morte. Mas, depois de uma noite na cela da morte, é possível que êle queira conversar com alguém além dos seus carcereiros.

**8 h e 30 m.** O guarda Gilbert encontra-se de serviço no portão. Tem nas mãos um jornal de São Francisco, e procuramos nêle notícias da execução. Um título pequeno, numa notícia de uma coluna, diz: MARCADA A EXECUÇÃO DO AUTOR DE DUPLO ESTRANGULAMENTO.

Pouca gente terá ouvido falar em Richard Thomas Cooper. Êle não mereceu notícia de primeira página. Suas duas vítimas eram mulheres, estranguladas quando êle teve um acesso de fúria num hotel de uma zona de marginais, depois de muita bebida para todos. Cooper confessou

os homicídios. Queria morrer pelo que fizera. Em San Quentin, sua ficha psiquiátrica o classifica como "psiconeurótico, emocionalmente instável, sofrendo de alcoolismo crônico". Tem um QI de 127, o que o coloca numa categoria de inteligência superior. Tem esperado a morte com paciência e dignidade.

**8 h e 33 m.** Ando uns 50 metros, do portão à sólida porta de aço da câmara de gás octogonal. Essa porta dá para a sala de onde as 22 testemunhas oficiais assistirão à execução. Quatro lados da câmara de gás dão para esta sala. Cada um dos lados tem uma grande janela de vidro grosso, para proporcionar uma visão clara das duas cadeiras de metal que há lá dentro. Às vêzes são executados dois condenados juntos. Richard Cooper terá, porém, o privilégio de morrer sozinho.

Sigo o corrimão que dá a volta à metade exposta da câmara de gás, até à pequena porta de aço na extremidade esquerda da sala das testemunhas. Um guarda reconhece-me através de uma vigia e abre a porta.

Entro na sala de preparação. Ali a gente toma conhecimento da importância do ritual. Só o ritual torna suportável uma execução. Sem êle, os condenados não dariam a necessária dose de cooperação, e nós, que temos a obrigação de presidir às suas mortes, não poderíamos enfrentar a manhã de cada novo dia de execução.

Na sala de preparação os funcionários de serviço não têm muito tempo para pensar. É preciso contar os óvu-

los de cianureto e envolvê-los cuidadosamente em gaze. É preciso, laboriosamente, despejar ácido em recipientes que o canalizam para baldes colocados embaixo das duas cadeiras na câmara de gás. Um funcionário munido de luvas de borracha tem de pendurar os óvulos mortíferos em braços mecânicos por baixo das cadeiras. Outro tem de prestar atenção a um telefone que será mantido desocupado até ao último momento para qualquer notícia de uma suspensão da pena.

**8 h e 55 m.** Depois de passar pela sala de preparativos, atravesso um corredor estreito até à área das celas da morte. Num pequeno vestíbulo, dois guardas encarregados da vigília da morte ouvem música num velho rádio de mesa. Eu me volto para as duas celas da morte.

Richard Cooper está deitado de bruços num colchão estendido no chão; a cela é pequena demais para caber uma cama. Uma luz clara ilumina a cela de fora para dentro. Os únicos pertences são um vaso sanitário e uma mesa que pode ser dobrada de encontro às barras da cela.

Um dos guardas diz com uma cordialidade forçada:

—Bom dia, capelão.

Richard levanta a cabeça e olha para mim.

—Olá, capelão—diz êle lentamente.—Eu não esperava pelo senhor.—Faz uma pausa e depois pergunta:—Como vai passando?

Puxo um banquinho e me sento em frente à cela.

—Vou muito bem, Richard. Você conseguiu dormir esta noite?

—Pouca coisa—diz êle, sentando-se.

Richard recolhe-se ligeiramente dentro de si mesmo, depois sorri.

—Sabe que eu vou para a universidade hoje à tarde? Cheguei à conclusão de que a única maneira de entrar lá é dar-lhes meu corpo.—Faz outra pausa, e acrescenta:—Amanhã de manhã é possível que eu esteja voltado para cima, olhando os estudantes, estendido em alguma mesa numa sala de aula.

Pergunto se algum dia êle já desejou fazer um curso superior. Êle acena com a cabeça:

—Já . . . mas isso foi há um milhão de anos.

—Você teria estudado pintura?

—Talvez—diz êle, novamente ab-sorto.

—O pessoal do pavilhão mostrou-me seus desenhos. Achei-os muito bons.

—Obrigado. Eu só tinha um lápis para trabalhar.

—Você já fêz trabalhos a óleo?

Êle responde que sim. Falamos sobre as vantagens da pintura a óleo sobre a aquarela, no caso de um artista inexperiente. Do outro lado chegam-nos os sons do ritual na sala de preparação.

**9 h e 20 m.** Richard ainda quer continuar falando. Eu não toquei em religião. Talvez nem sempre seja necessário pronunciar as palavras de Deus para servir aos propósitos de Deus. O simples fato de estar ali com

Richard Cooper nos seus últimos momentos talvez seja bastante para mostrar-lhe que nenhum homem jamais está completamente abandonado, ou completamente só.

9 h e 35 m. Richard tem agora cêrca de 25 minutos de vida, que lhe concede o Estado da Califórnia. O rádio cantarola mansamente. De repente há a irradiação de um noticiário—um acidente interromperá o tráfego em Bay Bridge até 10 h e 30 m aproximadamente. Richard e eu olhamos um para o outro, pensando a mesma coisa. *Às 10:30 Richard Cooper estará morto há quase meia hora.*

Procuramos apressadamente um assunto de conversa, e caímos no esporte. Richard é fã ardoroso do time profissional de futebol de São Francisco.

—Que horas são?—pergunta êle bruscamente.

—Dezessete minutos para as dez. Richard umedece os lábios.

—Pedi que um dos guardas do pavilhão da morte estivesse de serviço na guarda da minha morte—diz êle.—Com certeza não era dia dêle.

Richard explica que gostava daquele guarda e queria que êle ganhasse o extraordinário por participar de uma execução.

9 h e 49 m. Richard queixa-se de uma sensação de queimadura no estômago. Um guarda lhe oferece um cigarro, acende-o para êle e pergunta:

—Você quer uma xícara de café?

Richard faz que sim com a cabeça. Quer o café puro e recebe-o numa xícara de papel. Com papel ninguém pode ferir-se, ou ferir outra pessoa.

Nossos esforços para conversar fracassam. Sentimos os dois um alívio quando chega o Dr. David Schmidt, psiquiatra-chefe de San Quentin. O Dr. Schmidt diz num tom calmo:

—Richard Thomas Cooper?

—Acho que já ouvi êsse nome em algum lugar—responde Richard, impassível.

—Você está bem, Richard?

—Estou bem.

Entra o Diretor Dickson, cumprimenta Richard e explica:

—Os repórteres sempre me perguntam se houve alguma última declaração. Você tem alguma coisa para dizer?

Richard reflete um pouco sôbre a pergunta, depois abana a cabeça:

—Não, não tenho nada para dizer.

O diretor aperta-lhe a mão e diz, com grande doçura:

—Adeus, Richard.

O Diretor Dickson e o Dr. Schmidt passam à sala de preparação. Acelera-se o andamento do ritual; está na hora da mudança de roupa.

Os dois guardas da vigília da morte destrancam a porta que dá para a cela de Richard e entram. Um médico acompanha-os. Richard tira a roupa e fica pacientemente de pé, enquanto localizam o pulsar de seu coração e lhe amarram um detector em volta do peito com correias. Depois veste uma camisa branca. Isso

proporciona uma aparência agradável às pessoas que estão na sala de espera. Veste também calças limpas, de zuarde azul. Não usa roupas de baixo, nem sapatos, nem meias.

Terminada a mudança de roupa, Richard fuma seu último cigarro.

**10 horas.** Entro na cela e estendo a mão para Richard. Êle a segura com firmeza. Nesse ponto, palavras não significam mais nada. Eu só posso dizer:

—Fico satisfeito por nos têmos conhecido um pouco melhor.

Sua resposta é um tranqüilo “Obrigado”.

O sinal parte do Diretor Dickson. Richard volta-se e sai da cela. O tubo de borracha perto do detector forma uma saliência na frente de sua camisa. Êle prossegue ao longo do corredor e vê a porta da câmara de gás aberta. Tem as mãos nos bolsos. Entra ligeiro, quase despreocupado.

Seguido de perto por dois guardas, transpõe a soleira da porta da câmara e é sentado na cadeira. Olha para as fisionomias tensas das testemunhas oficiais que o observam através das janelas de vidro. Os dois funcionários apertam as correias em volta da cintura de Richard, em volta do peito, em volta das pernas e antebraços.

—Não apertem tanto no peito— diz Richard.

Um funcionário afrouxa a correia; outro prende um tubo de borracha comprido à ponta saliente que leva ao detector de pulsações do coração. O tubo vai até fora da câmara, através de um orifício cuidadosamente

vedado. Por meio dêsse tubo será ouvido no estetoscópio o último disparar frenético e o morrer convulsivo de seu coração. Naquela manhã é o Dr. Schmidt quem usa o estetoscópio.

A porta de aço é fechada e bem atarraxada. O Diretor Dickson, carasco oficial, e o Dr. H. A. Gross, chefe da equipe médica de San Quentin, ficam de pé junto às janelas internas. O Dr. Schmidt coloca-se à esquerda da porta.

**10 h e 3 m.** Dickson faz um sinal com a cabeça. O guarda puxa a alavanca e os óvulos de cianureto caem no ácido. O barulho que fazem batendo nos baldes é a última coisa que Richard ouvirá neste mundo.

Passam-se 10 ou 20 segundos. O gás na câmara adquire potência suficiente. O primeiro hausto profundo dêsse gás lançará Richard num estado que as autoridades médicas asseguram ser de perda de consciência quase instantânea.

Por Richard e por todos nós, eu rezo em silêncio: “Ó, Deus, recebei êste vosso filho, Richard Cooper, nosso irmão na família humana, a quem amais tanto quanto amais a qualquer de nós.”

**10 h e 12 m.** Passaram-se oito minutos e meio desde que os óvulos de cianureto caíram. A cabeça de Richard pende para baixo. Seu corpo verga contra as correias que lhe envolvem o peito. O Dr. Schmidt tira os receptores da cabeça e anota a hora. Richard Thomas Cooper está oficialmente morto.

Infinidamente triste, volto ao pátio da prisão, sozinho. A manhã clareou. O céu está de um azul sem mancha, o sol brilha. Vem da enseada uma viração agradável.

Richard Thomas Cooper, que estrangulou duas mulheres num hotel sórdido, quis morrer pelo seu crime, e o Estado o obrigou a isso. Foi tira-

do um olho por um olho; um dente por um dente.

Fêz-se justiça. Entretanto, ao sair, eu me surpreendo repetindo um trecho do Novo Testamento: "Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." Terá sido um dia de crucificação, assim como de vingança?

NENHUM sermão pregado pelo nosso pastor jamais significou tanto para mim como o que êle me disse, num domingo de manhã, quando apressava meus três filhos de idade pré-escolar pela porta lateral da escola dominical. Estávamos atrasados e as crianças não ligavam. Ao passar por êle, à entrada, abanei a cabeça e observei:

—Êles não sabem o significado da palavra "pressa".

—Realmente—disse êle sorrindo.—Não é maravilhoso? —Sr. C. J. G.

### *Exemplo de Negociação*

EU ERA PRESIDENTE da Junta de Conciliação e Arbitramento da Estiva, no litoral americano do Pacífico, nos tempos longínquos em que havia *realmente* luta de classes. Um dia, tendo em pauta uma questão de salários, perguntei às partes se já tinham entrado em negociações. Eu não iria servir de árbitro num caso dessa natureza sem que as duas partes tivessem primeiro tentado solucioná-lo por conta própria.

—Está bem—responderam os litigantes, com alguma relutância. —Vamos negociar.

Quando me levantei para sair da sala, disseram-me:

—Sente-se. *Isto* não demora.

O representante da associação dos empregadores da estiva debruçou-se sobre a mesa e disse ao presidente do sindicato, Harry Bridges:

—Sr. Bridges, não sabemos o que o senhor vai exigir, mas fique ciente de que a resposta é não!

Harry Bridges então se debruçou sobre a mesa e disse:

—Para falar a verdade, nós ainda não resolvemos o que vamos exigir, mas fique ciente de que não nos conformaremos com um não como resposta!

Os dois se voltaram então para mim e disseram:

—Senhor Presidente, o caso está nas suas mãos. Já negociamos.

—Clark Kerr, em *Saturday Review*

os atacantes sulistas romperam uma linha da infantaria e se colocaram entre os canhões ianques. Mas uma brigada da União entrou correndo, lutando na escuridão, só com o relampejar das bôcas dos canhões a iluminar a linha de combate, e obrigou os Sulistas finalmente a se retirarem. Quando terminou aquêlê segundo dia em Gettysburg, a União ainda conservava sua posição nas montanhas.

Na retaguarda do Exército da União, todavia, reinava grande confusão: fugitivos desnorreados, feridos que perambulavam sem rumo, destroçadas unidades de artilharia e indícios outros que não de combate emprestavam à cena um aspecto fantasmagórico. Durante a noite e pela madrugada adentro os últimos reforços de Meade chegaram depois de atravessar essa cortina do inferno. Um artilheiro da Quarta Divisão narra como os feridos que perambulavam por ali relataram essa lamentável derrota: "Corriam boatos de tôda espécie e nos falavam de como tínhamos sido irremediavelmente batidos e como nossa artilharia tinha sido capturada." Quando, entretanto as tropas de refôrço chegaram à frente de batalha, encontraram todos confiantes.

O raiar do terceiro dia trouxe nova tentativa de tomar Culp's Hill por parte dos Confederados. Os Federais rechaçaram o ataque com inequívoca competência. Depois do que, houve uma trégua,

interrompida apenas por um ou outro tiro a êsmo. O Exército Confederado da Virgínia Setentrional ainda possuía bastante energia para um assalto final; o Exército da União no Potomac tinha fôrça suficiente para mais uma e desesperada resistência. Todos sabiam disso e ambos os exércitos aguardavam em estado de tensão.

Meade predissera na noite anterior que, se Lee atacasse outra vez, visaria ao centro da linha da União; Lee havia tentado e falhara em seus ataques a ambos os flancos. Meade tinha razão. Enquanto esperava, houve um deslocamento nas linhas confederadas. Fileira após fileira, a artilharia ocupou posição em campo aberto; a luz do Sol faiscava reflexos nos tambores dos fuzis das tropas em movimento. Lee estava reagrupando fôrças para aquêlê último golpe.

Em determinado momento tôda a linha de soldados de infantaria súbitamente fêz fogo com o trovejar de um bombardeio. A infantaria ianque refugiou-se atrás das trincheiras, ofuscada pela tempestade de fogo. Os canhões confederados varreram Cemetery Ridge com fogo e estilhaços de granada, matando homens e animais de tropa, reduzindo a pedaços os porta-canhões, fazendo explodir vagões de munição. Mas quando foi feita a grande investida, foi como se não tivesse havido qualquer bombardeio. O momento decisivo se aproximava.

Para visualizar essa hora, é pre-

ciso procurar vê-la através dos olhos dos suarentos soldados federais agachados em Cemetery Ridge, perscrutando o oeste na direção do sol da tarde. Viam um exército de 15 000 homens carregando estandartes, saindo do matagal para campo aberto, fileira após fileira sucedendo-se intermináveis, com cronométrica precisão, as bandeiras de batalha hasteadas, altaneiras. Eram 5 000 soldados da Virgínia, comandados pelo General George Pickett e mais 10 000 homens vindos de outras divisões—homens escolhidos para tentar o impossível.

Organizar 15 000 homens em fila leva algum tempo, e êstes Sulistas estavam se deslocando lentamente, talvez à guisa de provocação, talvez numa demonstração de inquebrantável orgulho. Quando, finalmente, todos os soldados tinham avançado, fizeram fogo outra vez e uma espessa nuvem de fumaça invadiu a planície. Algumas das baterias de Meade, silenciosas porque se esgotara sua munição de longo alcance, voltaram então a abrir fogo sôbre os atacantes, empregando agora sua munição de curto alcance. O estrondo da batalha se elevava sempre mais alto à medida que os homens lutavam corpo a corpo em Cemetery Ridge, as tropas federais se multiplicando à direita e à esquerda para se reunir às tropas do centro. Foi então que, de repente, a luta cessou. Uma coluna de ataque fôra reduzida a frangalhos. Os sobreviventes voltaram às linhas confederadas, a nu-

vem de fumaça começou a pairar sôbre o campo de luta e a Batalha de Gettysburg chegou ao fim. Os dois exércitos tinham sofrido ao todo 50 000 baixas.

Num ponto distante dali, no Rio Mississípi, uma bandeira branca era levantada sôbre Vicksburg e indagava-se do General Grant que têrmos ofereceria a um exército que se rendesse.

O exército de Lee se retirava abatido de Gettysburg, mas a guerra continuaria até ao Domingo de Ramos do ano de 1865, quando Lee e Grant, sentados lado a lado na varanda da modesta casa em que funcionava a Côrte Judicial de Appomattox, na Virgínia, dariam a ordem de cessar as hostilidades. No entanto, depois da Batalha de Gettysburg a Confederação não era mais do que uma flor cortada e colocada num vaso: ainda por algum tempo teria a aparência de uma coisa viva, mas estava definitivamente separada da possibilidade de se tornar uma nação independente.

Num dia de novembro de 1863, o Presidente Lincoln viria a Gettysburg para a cerimônia da inauguração do Cemitério Nacional e diria algumas palavras. Só então o significado mais profundo daquela batalha se tornaria claro. Gettysburg se apresentaria como um alto exemplo no qual os americanos poderiam vislumbrar um glorioso futuro: uma só e indivisível nação se estendendo de um oceano ao outro.